

## **A CONDIÇÃO DA MULHER AMAZÔNIDA NO SÉCULO XIX: BRANCAS PARA CASAR, ÍNDIAS PARA TRABALHAR E NEGRAS PARA TRANSAR**

*Maria Jose Nunes Moreira Aleixo<sup>1</sup>*

### **RESUMO ESTENDIDO**

Este breve estudo objetiva refletir sobre o lugar da mulher como sujeito histórico na trama das relações sociais, como forma de desvendar sua contribuição na formação do pensamento social da Amazônia, evidenciando as interpretações lançadas sobre a mulher branca, negra e índia, através do olhar dos viajantes e cronistas que ensaiaram suas abordagens sobre a Amazônia do século XIX.

O estudo teve como fio condutor os questionamentos acerca do espaço ocupado pela mulher no referido período histórico.

Questionar a formação do pensamento social da Amazônia constitui-se num grande desafio para os pesquisadores, pois nosso processo histórico foi formado por representações dominadas por determinismos. As generalizações sobre a Amazônia impulsionaram em considerá-la um local sem a permanência humana, diante da concepção preconcebida e distante da realidade empírica, diante desse fato, entendemos a necessidade de outros discursos.

Sem desconsiderar essa complexidade, buscaremos uma revisão sobre a interpretação dada por diversas autoras tais como: Tânia Quintaneiro, Elizabeth Agassis, Heloisa Lara, Graça Barreto, Mary Del Priori, Iraildes Caldas e outros, que apresentam visões clássicas sobre a mulher amazônica, autores que se dedicaram a mostrar histórias do cotidiano feminino, na qual evidenciam estas, como protagonistas de sua própria história.

Acreditamos que a idéia desta análise, contribua dentro e fora do mundo acadêmico, como forma de desvendar e desmistificar o peso que as tradições antigas, décadas de totalitarismo do patriarcado e repressão sexual, tornando muito difícil o acesso ao cotidiano da mulher brasileira.

---

<sup>1</sup> Mestranda do PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas, bolsista do CNPq, orientanda da Prf<sup>a</sup>.  
Dr<sup>a</sup>. Patrícia Melo Sampaio, email- [majur\\_2006@yahoo.com.br](mailto:majur_2006@yahoo.com.br)

## **Desenvolvimento**

A condição da mulher foi ignorada ao longo dos tempos pela história, pois, trancadas nos castelos, nas casas, nas instituições religiosas e nos calabouços, suas funções sempre foram relacionadas às lidas domésticas e pouco se sabe sobre sua vida privada.

A imagem de submissão ligada à mulher no século XIX, principalmente as da colônia, contribuíram para o aumento da sua posição de inferioridade, pois, esta imagem esta associada ao imobilismo português, ao isolamento e a desconfiança por parte daqueles que tinham muito receio do novo. De certa forma essa mentalidade frustrava os viajantes da época.

Quintaneiro (1995) mostrou, através das narrativas apresentadas pelos viajantes do século XIX, o espaço no qual a mulher do período estava inserida. Embora nesses relatos, o cotidiano apresentado fosse das classes mais abastadas, pouco se falava sobre as escravas e criadas domésticas, assim a autora abre espaço para retratar o olhar preconceituoso das camadas médias americanas e inglesas, sobre o universo feminino. No entanto, a situação da mulher no Brasil colonial era de extrema opressão social, econômica e familiar. O ciúme era a marca registrada do homem oitocentista, a prática de assassinato por vingança, era a forma mais digna encontrada para lavar a honra dos ciumentos. A execução de tiros e punhaladas no suposto sedutor e o envenenamento de esposas, não eram passíveis de punição e sim considerados legítimos, pois, esse ato bizarro era legitimado no altar.

De acordo com a mesma autora, em função da dependência do trabalho alheio, a mulher branca abastada, foi se tornando cada vez mais ignorante, dependente, ociosa e passiva; embora, sendo este o perfil da maioria, não era uma figura unânime no Brasil colonial. Existiam damas de famílias que se permitiam ao trabalho, se destacavam por suas habilidades nos trabalhos manuais, algumas chegaram a substituir seus falecidos maridos nas tarefas produtivas, tornando-se verdadeiras administradoras de mão-de-obra servil.

Quintaneiro (1995) descreve sobre cenas de trabalho e convivência doméstica das mulheres negras do século XIX, tidas como de “segunda categoria”, além de servirem como domésticas, também tinham que ter uma vida marital com membros do clero, sem nenhum direito ou respeito.

A observação feita sobre como perceber a presença feminina indígena na ocupação da Amazônia, requer uma atenção especial no que se refere ao espaço onde elas atuaram. Segundo Tocantins (1982)<sup>2</sup>, no território amazônico, durante o período latifundiário escravocrata, mesmo sabendo que os primeiros desbravadores da região tratavam de explorar o índio sem comiseração, coube a índia desempenhar o papel atribuído à negra e a mucama. Sua dedicação aos ofícios caseiros foi além de ocupar os misteres da casa, servia como ama-de-leite, batia e fiava o algodão, tecia pano e preparava todos os artefatos necessários a colônia.

No entanto, a visão que se tem sobre a condição dessas mulheres não melhorou muito depois do cativeiro, Elizabeth Agassiz<sup>3</sup> descreve uma série de encontros, que expressam essa realidade, durante sua estada na Amazônia.

Mary Del Priori apud Raminelli, no texto *Eva Tupinambá* (1997), apresenta o historiador que descreve desde o nascimento até a idade mais tenra sobre o cotidiano feminino entre os tupinambás, vislumbrando o sexo feminino, a sedução, o canibalismo, a vida e a morte. Curiosamente ele consegue mostrar que o imaginário europeu da época, vê as mulheres índias e européias como filhas de Eva, fato este que designou sobre elas os piores predicados. Esta visão é compartilhada pela professora Iraildes Caldas na obra *As novas Amazônidas* (2005), onde a pesquisadora considera a sociedade colonial como a responsável por esse estigma, por entender que a mulher indígena mesmo tendo sido usada como medida de uma das resoluções pombalinas, de colonizar e atrair colonizadores para solidificar o povoamento da colônia, como forma de recompensa teve a sua imagem propagada de mulher ferosa, parideira, lasciva e permissiva sexual. Este fato protagonizou o exotismo feminino, tornando-se verdadeiro chamariz dos prazeres, no qual provocou o deslocamento de inúmeros portugueses da metrópole para a colônia. Mesmo sem terem noção sobre a política de povoação da região, couberam as estigmatizadas indígenas, a função de promover o comércio sexual, como garantia de sobrevivência dos seus.

## **Resultados alcançados**

---

<sup>2</sup> - Ver – Leandro Tocantins, *Amazônia natureza, homem e tempo. Uma planificação ecológica*. 2.ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1982.(p.68)

<sup>3</sup> - Ver obra, *Viagem ao Brasil 1865- 1866*, Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz, Editora da Universidade de São Paulo. 1975.

A escolha sobre a reflexão da mulher oitocentista se deu sob a condição de que possivelmente, esse contexto pudesse ser usado como fator determinante na formação do pensamento social amazônico, mesmo sendo uma tarefa desafiadora. Ao estudarmos a condição da mulher do século XIX, percebemos os elementos que compunham o processo de dominação, que articulado as instituições e ao patriarcalismo, remeteram-na a uma rede de relações de poder, na qual dificilmente ela sairia ileso, pois, podemos ainda constatar, a existência de vários elementos muitas vezes camuflados por meios de mitos e preconceitos, que fazem parte desse universo colonial.

A forma de vida e o relacionamento social das mulheres no cenário atual podem indicar as retaliações advindas de seu passado histórico, no qual apresenta diversas situações tais como: da escrava negra usada como cozinheira, objeto sexual e ama dos filhos da branca, a índia sem um lugar definido e a branca que passou da infância para idade adulta através de casamento precoce.

A visão dos cronistas, mesmo distantes da cultura amazônica, possuiu poderes de determinar as formas culturais da época, pois, essa visão perdura até os dias de hoje, porém, várias formas de análises poderão ser usadas para se combater esse pensamento. Uma das saídas é a necessidade de se fazer uma viagem ao passado buscando relacionar o escuro e a construção histórica da mulher, pois, através da recriação do cotidiano das mulheres do século XIX poderá ocorrer a desmistificação do processo que sistematizou a mentalidade do homem da colônia em relação aos estereótipos criados pela narrativa dos viajantes para representar a mulher branca, negra e índia.

Ao dar visibilidade às lutas e resistência, trazendo reflexões sobre sexismo e o machismo, possivelmente encontraremos uma forma de apagar a imagem de fragilidade e submissão que a mulher carrega em pleno século XXI.

Na atualidade, mesmo com o movimento das mudanças institucionais, a ampliação e autonomia das mulheres brasileiras, sua forma de vida e o relacionamento social tem sido alvo de padronização de diversos estereótipos. A mulher ainda ocupa poucos espaços na sociedade em geral.

### **Referencia bibliográfica**

AGANBEM, G. **O que é contemporâneo?** In O que é Contemporâneo e outros ensaios. Chapecó: Editora Argos, 2009.

- AGASSIZ, L. Agassiz, E. C. **Viagem ao Brasil 1865-1866**. Belo Horizonte: Editora da Universidade de São Paulo. 1975. Capítulo VIII p. 157-197.
- ALMEIDA, A. W. B. **Antropologia dos arquivos da Amazônia**. Rio de Janeiro: Fundação Universidade do Amazonas. 2008.
- BENCHIMOL, S. **Amazônia- Formação social e cultural**. Manaus: Valer. 1999.
- COSTA, H. L. C. **As Mulheres e o poder na Amazônia**. Manaus: EDUA. 2005.
- PRIORE, M. D. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto. 1997.
- QUINTANEIRO, T. **Retratos de mulher: a brasileira vista por viajantes ingleses e norte-americanos durante o século XIX**. Rio de Janeiro: Vozes. 1995.
- SAMPAIO, P. M. **O fim do silêncio: Presença negra na Amazônia**. Belém: Açá: CNPq, 2011.
- TOCANTISN, Leandro. **Amazônia, natureza, homem e tempo. Uma planificação ecológica**. 2.ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1982.
- . Chapecó: Editora Argos, 2009.
- TORRES, I. C. **As novas Amazônidas**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2005.